

Número 58 - Ano XVI- Julho / Setembro 13

Folha Viva

Jornal dos Clubes da Floresta do Projecto Prosepe



EDITORIAL

Sumário

02	Editorial
04	O concurso “Ciclo Virtuoso da Madeira” encerra em grande com os Clubes da Floresta na Mata Nacional do Buçaco
12	Concurso “Ciclo Virtuoso ds Madeira”. Divulgação atividades da Mata Nacional do Buçaco
13	Jogo “Mostra o que sabes” sobre a Mata Nacional do Buçaco
14	Arbustos das Florestas de Portugal - Espécies autóctones -
32	Click



Capa - Fotomontagem a partir de fotografias do Clube da Floresta “As Pinhas” alusivas à estadia na Mata do Buçaco.

Chegados ao fim de mais um ano letivo sem qualquer apoio financeiro, torna-se cada vez mais difícil continuar a nossa caminhada de Defesa da Floresta pela Educação.

No entanto, já que não desistimos quando as circunstâncias nos foram bem mais adversas, vamos continuar a manter a expectativa de que o PROSEPE volte a ser apoiado e, por isso, estamos dispostos a iniciar um novo ciclo trienal sob o lema “**Prevenção dos incêndios florestais pela Educação**”, de que daremos conta mais detalhada no próximo número, dado que este se reporta, essencialmente, ao fecho do passado ano letivo e a relatar-lhes a última atividade nele realizada.

Esta atividade corresponde à concretização do prémio ganho pelos Clubes da Floresta vencedores do concurso “Ciclo Virtuoso da Madeira”, promovido pela Coordenação Nacional do Prosepe em colaboração com a Associação Florestal do Baixo Vouga e a SONAE-Indústria.

Com a aproximação do final do ano letivo, dois dos Clubes vencedores não conseguiram reunir condições para desfrutar do prémio, tendo-se procurado que os classificados nos lugares seguintes pudessem dele usufruir.

Todavia, o final do ano letivo complicou o acerto de datas e, lamentavelmente, só dois Clubes da Floresta puderam ficar a conhecer a Mata Nacional do Buçaco, um verdadeiro ex-libris florestal, e nela realizar atividades proporcionadas pela Fundação da Mata do Buçaco que patrocinou a atribuição deste prémio.

Depois, dá-se continuidade a série dedicada aos Arbustos das Florestas de Portugal, com a apresentação de mais algumas espécies autóctones comuns nas nossas florestas, contribuindo para um melhor conhecimento dum estrato que cobre grande parte dos espaços florestais do território nacional mas que, ainda, é pouco conhecido.

Chegados ao final do ano letivo, cumprimos 20 anos de Defesa da Floresta pela Educação, o que

só foi possível graças à tenacidade, empenho e dedicação de muitos e generosos Professores que, voluntariamente, mesmo em tempos de crise, continuam a dedicar-se a causas nobres e a promover os valores da educação - cívica, ambiental e florestal - junto de crianças, adolescentes e jovens, sem esperar nada em troca e apenas na expectativa de lhes proporcionar alguma aquisição de conhecimento por vias educativas não formais, contribuindo desse modo para lhes garantir um futuro auspicioso e uma vivência em ambientes equilibrados.

A todos os Professores, Alunos, Comunidade Educativa e Entidades, públicas e privadas, que ao longo destes 20 anos participaram e, desse modo, contribuíram para a materialização do Prosepe expresso o meu público reconhecimento, deixo um obrigado muito sentido e as minhas mais cordiais saudações prosepeanas.

O Coordenador Nacional

(Prof. Doutor Luciano Lourenço)

Foi, no início do ano letivo 2011/2012, que o concurso “Ciclo Virtuoso da Madeira” promovido pela Associação Florestal do Baixo Vouga e SONAE-Industria, chegou às escolas aderentes ao PROSEPE, tendo aceite o desafio 42 Clubes da Floresta.

O objetivo deste concurso era a pintura, pelos membros do clube, de 10 quadros alusivos às diversas temáticas relacionadas com a Floresta e, dentro desses, após votados nas escolas, 2 deles seguiram para as oito exposições que decorreram entre Maio e Setembro de 2012, em oito centros comerciais distribuídos de Norte e Sul do país.

Mas, foi na última e derradeira exposição que ocorreu em Albergaria-a-Velha, entre 3 e 5 de Maio de 2013, durante o certame da ExpoFlorestal que, o concurso “Ciclo Virtuoso da Madeira” atingiu o seu auge, pois numa só exposição foram reunidos os quadros concebidos pelos 42 Clubes da Floresta, não ficando ninguém indiferente a eles, dada a criatividade e qualidade das obras.

Nesta, à semelhança, das restantes exposições, os visitantes também tiveram a oportunidade de expressar a sua opinião através de voto. Os três preferidos constam da coluna à direita.

Durante vários dias, os espaços onde decorreram as exposições transformaram-se em verdadeiros polos de sensibilização e de educação florestal, testemunhando assim a atividade dos Clubes da Floresta da rede PROSEPE.



O concurso “Ciclo Virtuoso com os Clubes da Floresta



Clube da Floresta: “O Cedro”
Escola: E. B. 2-3 + Sec. de Vieira de Araújo
Frase: “A Extinção da Floresta”



Clube da Floresta: “Búteo”
Escola: E. B. 2-3 de Ancede
Frase: “A Natureza em equilíbrio”



Clube da Floresta: “As Pinhas”
Escola: Instituto de São Tiago - Cooperativa de Ensino C.R.L.
Frase: “Deixem-me crescer!”

da Madeira” encerra em grande na Mata Nacional do Buçaco

Os Clubes da Floresta à descoberta da Mata Nacional do Buçaco

Como já se esperava, o desfecho deste grandioso concurso não poderia deixar de ser, também ele um momento inesquecível para os Clubes da Floresta premiados na ExpoFlorestal, pois foi nesse âmbito que a organização ofereceu aos três primeiros lugares, uma estadia, de dois dias, na Mata Nacional do Buçaco.

Porém, por razões várias, os Clubes da Floresta “**Cedro**” e “**Búteo**” viram-se obrigados a desistir do prémio, o que fez com que o prémio passasse para o 4º classificado, o Clube da Floresta “**Pulmões do Mundo**” que, assim, se uniu ao Clube “**As Pinhas**”.

Confirmados os Clubes da Floresta, foi divulgado o programa previamente estabelecido entre o PROSEPE e a Fundação da Mata do Buçaco, que



contou com a realização de diversas atividades, dentro das quais salientamos:

- Visita guiada à Mata Nacional do Buçaco, numa extensão de 3 km, que permitiu aos alunos e professores conhecerem a riqueza deste património, desde dos inúmeros lagos e fontes, à Floresta Relíquia existente neste espaço.
- Oficina “Vamos construir um herbário” que possibilitou a construção de um herbário de pequeno porte, após recolherem e identificarem as espécies vegetais num passeio pela Mata.
- Oficina “A Floresta revis(i)tada” que consistiu num passeio pela Mata do Buçaco e identificação de várias espécies de plantas e seres vivos.

Programa		2º Dia
Clube da Floresta à descoberta da Mata Nacional do Buçaco		Período da manhã
		8h00-9h00 - Pequeno-almoço livre
		- Preparação dos sacos, antes de abandonarem o alojamento***
1º Dia		
Período da manhã		
10h00	- Receção dos Clubes pela Fundação da Mata do Buçaco (Local de receção: Loja Produtos da Mata*)	10h00 - 2ª Oficina: “A Floresta revis(i)tada” (atividade)
	- Colocação dos sacos num local que será indicado pela Fundação, antes de seguir para a 1ª Oficina	13h00 - Almoço livre
10h30	- 1ª Oficina: “Vamos construir um herbário” (atividade)	
13h00	- Almoço livre	
Período da tarde		Período da tarde
14h00	- Visita guiada à Mata do Nacional do Buçaco	Depois do almoço, saída do Clube da Floresta da Mata do Buçaco.
17h00	- Término da visita	<i>Sugestão: O Clube da Floresta poderá, se assim o entender, deslocar-se até a Vila do Luso e refrescarem-se nas Fontes do Luso, antes de seguirem viagem.</i>
...	- Ocupação do tempo livre ao critério do professor**	*Situada no centro da Mata, junto ao Palace
...	- Jantar	**Da responsabilidade do professor - O Clube ficará livre, sugerindo-se:
...	- Ocupação do tempo livre ao critério do professor**	- Descida até a Vila do Luso até às Fontes do Luso (de autocarro)
		- Observação noturna da biodiversidade existente na Mata
		***O Clube deverá deixar as casas até às 13h, no final da oficina

Mediante a disponibilidade da Fundação da Mata do Buçaco em receber os Clubes da Floresta, os **“Pulmões do Mundo”** deslocaram-se a 16 de Setembro e **“As Pinhas”** no dia 19 da mesma semana.

Uma vez chegados à Mata Nacional do Buçaco, os alunos do Clube da Floresta equipados com o equipamento do PROSEPE, foram recebidos por um guia que os acompanhou às Casas do Buçaco, distribuindo-se uns pela Casa Floresta Relíquia e outros pela Casa do Miradouro, local onde pernottaram, a fim de pousarem os sacos.



Fonte: <http://www.fmb.pt>

Uma vez instalados nas casas, o Clube da Floresta, os **“Pulmões do Mundo”** partiu à descoberta do vasto património guardado na Mata Nacional do Buçaco, tendo começado por realizar uma pequena visita de reconhecimento do local, que se iniciou nas **“Portas de Coimbra”**, que outrora era a única porta de entrada para a Mata do Buçaco e onde os visitantes eram recebidos, cujo nome dessas portas advém do facto de estas estarem viradas em direção a Coimbra.

Depois, num percurso de cerca de 3 km, os alunos tiveram a oportunidade de visitar a Via-Sacra do Buçaco formada por 20 passos e por pequenas capelas e as ermidas de habitação existentes no interior da Mata.

O concurso “Ciclo Virtuoso com os Clubes da Floresta

Após esse passeio pela floresta, deslocaram-se até aos Jardins do Palace, regressando depois ao alojamento para almoçar.



No período da tarde, visitaram as Estufas da Mata que contou com a participação de um colaborador das estufas, o que permitiu aos alunos e aos professores conhecerem e identificarem diversas espécies que compõem as Estufas do Buçaco.



da Madeira” encerra em grande na Mata Nacional do Buçaco



O guia levou-os até ao Convento, onde tiveram a oportunidade de o visitar e aprofundarem assim os seus conhecimentos acerca da vivência dos Carmelitas na Serra do Buçaco.



Foto do fundo: Autoria de José Moura, © FMB



Terminada a visita guiada, dirigiram-se até às Fonte do Luso e a um parque natural próximo das fontes, onde se instalaram e aproveitaram o resto da tarde livre.

Já, nas Casas do Buçaco, jantaram e o resto da noite foi de convívio.

No segundo dia, após um bom pequeno-almoço para recuperarem as energias gastas na véspera, os alunos e os professores saíram para um passeio pela Mata do Buçaco, a fim de conhecerem outras áreas de grande biodiversidade presente na Mata, e assim recolherem material para depois construírem o seu próprio herbário.



Ao longo de todo o percurso, os alunos tiveram a oportunidade de identificar e conhecer novas espécies vegetais que compõem a Mata Nacional do Buçaco.



O concurso “Ciclo Virtuoso com os Clubes da Floresta

Na sua descoberta, encontraram o maior eucalipto da Mata do Buçaco e da Europa, um *Eucalyptus regnans*, espécie da Tasmânia, plantado em 1876, com cerca de 67 metros de altura.

Mas, como não poderia deixar de ser, juntos deram o tão aguardado “abraço” de grupo ao eucalipto. Um dos momentos auge do passeio pela Mata!



da Madeira” encerra em grande na Mata Nacional do Buçaco

Depois, com o material recolhido, foram até à oficina “Vamos construir um herbário” e aí, com a ajuda da monitora foi-lhes ensinado como organizar e construir um herbário, de modo a conservarem as plantas recolhidas.



Após uma breve explicação, os alunos puseram “mão à obra” e construíram o seu herbário, trazendo-o para a escola como lembrança da sua estadia na Mata Nacional do Buçaco.



Chegado o término da oficina, o Clube deixou o alojamento e despediu-se da Mata Nacional do Buçaco que os acolheu durante dois dias, onde acreditamos que fortaleceram os seus laços como Clube da Floresta, somando mais uma bagagem na sua formação como defensores da Floresta.



Passados dois dias, foi a vez do Clube da Floresta “**As Pinhas**” se deslocar à Mata do Buçaco para usufruir do seu tão merecido prémio.

À semelhança do Clube da Floresta “**Pulmões do Mundo**”, o Clube “**As Pinhas**” também pernitoou na Mata do Buçaco, tendo regressado ao início da tarde, do dia seguinte.

À sua chegada, os alunos foram recebidos com grande satisfação por um monitor da Fundação do Buçaco que os conduziu à Casa da Floresta Relíquia, integrada nas Casas do Buçaco, que após colocarem os seus sacos na sua respetiva habitação, partiram todos eles felicíssimos à descoberta da Mata do Buçaco.

Ora, o monitor, responsável por acompanhar o Clube da Floresta “**As Pinhas**”, durante a sua estadia no Buçaco, convidou-os a conhecer de perto o local onde estes se encontravam, tendo-os conduzido até às emblemáticas “Portas de Coimbra”, que outrora funcionara como única entrada para a Mata do Buçaco, tendo ganho essa denominação por estarem viradas para a região de Coimbra.

Após esta primeira paragem, os alunos acompanhados pelos seus professores, seguiram o guia que os levou a descobrir parte do vasto património natural e cultural existente no interior da Mata do Buçaco.

Ao longo do trilho realizado neste simbólico espaço geográfico, “**As Pinhas**” tiveram a



O concurso “Ciclo Virtuoso com os Clubes da Floresta

oportunidade de conhecer de perto, a Via-Sacra do Buçaco, as ermidas e seu interior presentes na Mata, e alguma da sua biodiversidade.

O momento auge deste passeio deu-se aquando do encontro do Clube da Floresta com o maior eucalipto da Mata do Buçaco e da Europa, dada a sua dimensão e diâmetro.



Depois do almoço, os alunos visitaram os Jardins do Palace, dirigindo-se depois às Estufas da Mata do Buçaco onde com a ajuda de um colaborador ficaram a conhecer novas espécies, sendo muitas delas provenientes do interior da Mata.

Terminada a visita às estufas, o Clube da Floresta visitou o Convento de Santa Cruz do Buçaco, construído entre 1628 e 1630 pela Ordem dos Carmelitas Descalços em plena Serra do Buçaco integrado no chamado “Deserto Carmelita do Buçaco”

Os alunos ao visitar este outro património cultural presente na Mata Nacional do Buçaco tiveram a oportunidade de aprofundar um pouco mais, sobre

da Madeira” encerra em grande na Mata Nacional do Buçaco

a vivência desta ordem religiosa que se instalou na Serra do Buçaco no século XVII e que foi extinta em 1834.



Ficaram a conhecer também que, estes monges foram importantes para o aumento da biodiversidade na Mata Nacional do Buçaco, pois introduziram novas espécies, sendo o cedro-do-buçaco (*cupressus lusitânica*), um dos mais célebres.

Concluída a visita ao convento, o Clube da Floresta dirigiu-se à sua habitação onde juntaram e, o resto da noite foi de grande convívio entre os membros do Clube.

O dia ainda estava a amanhecer na Mata do Buçaco e “**As Pinhas**” já estavam a caminhar ao encontro do seu guia, a fim de com ele passearem pela Mata e recolherem material da Floresta para depois construírem o seu próprio herbário.

Depois do monitor da Fundação ter feito uma breve explicação sobre o modo correto de como se devem conservar as plantas recolhidas, o Clube da Floresta, todo ele unido, desde dos professores aos alunos construíram um herbário que, depois de feito, foi transportado para a escola como oferta da Fundação da Mata do Buçaco.

Após terminada esta atividade, o Clube da Floresta abandonou a Mata Nacional do Buçaco levando com eles não apenas, o



herbário construído como também, todo um conjunto de novos ensinamentos, importantes para o seu percurso como membros do “Clube da Floresta da rede PROSEPE” pois a partir desta experiência tiveram a oportunidade de conhecer e identificar novas espécies, aprender novas técnicas para uma melhor conservação das espécies por eles recolhidas nos seus passeios pela Floresta bem como os modos de construção de um herbário.



Em ambos Clubes da Floresta ficou nítido o desejo de um dia querer regressar a este local com os seus pais, pois a Mata do Buçaco é, sem dúvida, um espaço harmonioso, no qual o património cultural e a natureza se envolvem em laços místicos, formando um local de características únicas em Portugal.

Ora, não poderíamos concluir a divulgação deste evento, sem antes, agradecer à ExpoFlorestal 2013 por ter oferecido o prémio e à Fundação da Mata do Buçaco que acolheu com grande satisfação os dois Clubes da Floresta na Mata Nacional do Buçaco. O nosso muito obrigado!

Para efeitos de divulgação, segue-se a oferta das atividades dirigidas às escolas que podem ser realizadas na Mata Nacional do Buçaco, bem como as duas atividades que os Clubes da Floresta tiveram a oportunidade de realizar.

Concurso “Ciclo Virtuoso da Madeira”

Divulgação atividades da Mata Nacional do Buçaco

Jogo “Mostra o que sabes” sobre a

Mata Nacional do Buçaco



atividades para escolas	Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
1. Vamos construir um herbário.			🍁	🍁	
2. Um ninho para um passarinho.			🍁	🍁	🍁
3. No rasto dos mamíferos.		🍁	🍁	🍁	🍁
4. Bichos estranhos que nos rodeiam.			🍁	🍁	
5. Vamos à horta!.		🍁	🍁	🍁	
6. Maravilhosos morcegos.		🍁	🍁	🍁	🍁
7. Sapos, rãs e salamandras.		🍁	🍁	🍁	🍁
8. Quantas cores tem o verde?	🍁	🍁	🍁	🍁	
9. A floresta revis(i)tada.		🍁	🍁	🍁	🍁
10. Aves pelos ares.		🍁	🍁	🍁	🍁
11. A coruja e o ratinho.			🍁	🍁	🍁
12. As árvores e a matemática.		🍁	🍁	🍁	
13. Sementes com vida!		🍁	🍁		
14. Memórias científicas.		🍁	🍁	🍁	🍁
15. Duendes na Mata.	🍁	🍁			
16. A Química da Floresta				🍁	🍁

1. Vamos construir um herbário.

Sinopse: Construir um herbário é uma forma de conhecer melhor as plantas, o seu ciclo de vida e também de tomar consciência da diversidade de plantas encontradas na Natureza. Os alunos farão um passeio na Mata para recolha do material vegetal a herborizar. Posteriormente, nos viveiros, aprenderão a organizar e construir um herbário, para conservação das plantas recolhidas. Cada aluno construirá uma prensa de herbário, que poderá levar para casa.

Níveis de escolaridade: 2º e 3º ciclos

Duração: uma manhã ou uma tarde

Inscrição: 6€ por aluno



9. A floresta revis(i)tada.

Sinopse: As florestas são muito importantes para a melhoria da qualidade do ar, da água, do solo e constituem habitat para uma grande variedade de seres vivos. Mas que seres vivos são esses? Qual a biodiversidade que se pode encontrar numa floresta? Que animais e plantas ocorrem nas nossas florestas? Esta atividade consistirá num passeio pela Mata do Buçaco, onde será demonstrado o conceito de biodiversidade: serão identificadas várias espécies de plantas e procurar-se-ão animais ou indícios de presença dos mesmos, num olhar mais atento à vida na floresta! A linguagem e as tarefas serão adaptadas à faixa etária dos participantes.

Níveis de escolaridade: todos

Duração: uma manhã ou uma tarde

Inscrição: 3€ por aluno



Local

1. A Mata Nacional do Buçaco é uma área protegida que se encontra localizada em que:

- a) Serra? _____
- b) Freguesia? _____
- c) Concelho? _____

2. Outrora, a única entrada para a Mata Nacional do Buçaco era feita em que local?

3. Qual o ponto mais alto da Serra do Buçaco, conhecido pelo seu miradouro?

Património cultural

4. Que ordem religiosa foi responsável pela introdução do cedro-do-buçaco (*Cupressus lusitanica*), Convento de Santa Cruz, Via-Sacra do Buçaco, vivia em Ermidas?

5. A Via-Sacra do Buçaco é uma réplica original da Via-Sacra de que cidade?

Património natural

6. Como se chama a fonte que fica no interior da Mata Nacional do Buçaco que é a mais célebre, de entre inúmeras fontes existentes, devido à sua monumental escadaria (cerca de 144 degraus)?

7. Porque se chama “Vale dos Fetos”?

8. Qual é a maior espécie existente na Mata Nacional do Buçaco e que também é a maior da Europa?

- a)- Nome científico? _____
- b) Altura aproximada? _____
- c) Originária de que região? _____

9. Cerca de 15% da Mata Nacional do Buçaco é ocupada por uma floresta primitiva, cuja existência remonta antes da ocupação humana, nas montanhas da região Centro do país, como é designada?

a) Espécies predominantes _____

Soluções

- 1 - a) Serra do Buçaco b) Luso c) Mealhada;
- 2 - Portas de Coimbra;
- 3 - Cruz Alta ;
- 4 - Os Carmelitas Descalços;
- 5 - Jerusalém;
- 6 - Fonte Fria;
- 7. Existência de vários exemplares de fetos de porte arbóreo
- 8. Eucalipto a) *Eucalyptus regnans*; b) 67m ; c) Tasmânia;
- 9. Floresta Relíquia a) Aderno, Medronheiro, Loureiro, Azevinho, Sobreiro, Pinheiro Manso;



Arbustos das Florestas de

Sofia Fernandes

Investigadora estagiária do NICIF - Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais

Introdução

A Floresta, tal como hoje a conhecemos, é o espelho de um passado que contribuiu para a prosperidade da sociedade portuguesa, mas também, é o reflexo de uma mudança de valores e comportamentos do ser humano perante este ecossistema.

Durante vários anos, este sector foi alvo de grandes apostas, por lhe ter sido reconhecida importância económica e valor ambiental, pois, como é sabido, o sistema ecológico florestal é constituído pelo biótopo (não-vivo) e biota (ser vivo), os quais estabelecem ligações entre si e dentro de si, garantindo o equilíbrio ecológico. Por essa razão, as florestas são vistas como “unidades da paisagem natural mais complexa na estrutura e funcionamento” (BARRETO, 1988), complexidade que se reflete na vasta oferta de bens e serviços que, desde os primórdios da humanidade, têm sustentado inúmeras famílias.

Todavia, as crescentes pressões da sociedade têm levado a uma contínua degradação e destruição deste ecossistema, por intermédio dos incêndios florestais que, ano após ano, consomem milhares de hectares de floresta, deixando várias extensões de solo ao descoberto, o que gera condições para o desencadear dos processos erosivos (LOURENÇO, 2009), além do abate indiscriminado de árvores que também tem contribuído para acentuar essa situação.

Para proteger este vasto património natural é preciso conhecer algumas das suas componentes, pelo que serão aqui apresentadas algumas das espécies arbustivas autóctones que fazem parte da nossa floresta (QUADRO I).

Principais características destas famílias taxonómicas:

■ *Fabaceae* – árvore, arbusto, herbácea ou trepadeira. De folhas simples ou recompostas, alternadas sendo, normalmente, inteiras e estipuladas. As suas flores solitárias podem

Portugal - Espécies autóctones

surgir em cachos ou em capítulos, possuindo 5 pétalas soldadas, numa pequena corola. O seu fruto seco é do tipo vagem.

■ *Lamiaceae* – arbusto, árvore tropical, planta herbácea, de caules jovens com segmento quadrangular e aromáticos. De folhas simples, muito raramente são compostas, oposto-cruzada, inteiras, dentadas ou profundamente recortadas, com presença de inflorescências terminais que são compostas por diversos nós de várias flores. As flores são de simetria bilateral (zigomorfa), muito raramente, actinomórficas, constituídas por 5 pétalas soldadas num tubo. O seu fruto seco é, habitualmente, fragmentado na fase de maturação em 4 frutículos, cada um com 1 semente.

■ *Protaceae* – arbusto ou árvore. De folhas simples ou penaticompostas, alternas, coriáceas, inteiras ou recortadas, possuindo uma forma muito variável. As suas flores podem ser actinomórficas, zigomórficas ou homoclamídeas compostas por 4 pétalas livres ou soldadas num tubo. É frequente, um fruto seco de tipo folículo, mas também, é possível encontra-se um fruto carnudo (drupa) ou uma noz.

■ *Rosaceae* – arbusto, árvore, herbácea ou trepadeira. De folhas simples ou compostas, alternadas, com nervuras ramificadas. É frequente encontrá-la com espinhos. As flores são vistosas e actinomórficas, com presença de hipanto onde se incluem 5 pétalas livres, 5 sépalas e numerosos estames. Em termos de frutos, estes podem ser simples (drupa, folículo), múltiplos (amoras) ou complexos.

De seguida vamos analisar algumas espécies.



Fonte: Fotografia tirada por Sofia Fernandes, Serra do Geres, 2012.

QUADRO I – Lista de espécies autóctones analisadas, por família.

Família	Espécie autóctone	
	Nome científico	Nome vulgar
Fabaceae	<i>Chamaespartium tridentatum</i>	Carqueja
	<i>Cytisus multiflorus</i>	Giesteira branca
	<i>Cytisus striatus</i>	Giesteira negral
	<i>Cytisus grandiflorus</i>	Giesteira das sebes
	<i>Genista florida</i>	Piorno-dos-tintureiros
	<i>Genista falcata</i>	Tojo gadanho
	<i>Genista triacanthos</i>	Tojo molar
	<i>Ulex parviflorus</i>	Tojo amarelo
	<i>Ulex europaeus</i>	Tojo arnal
	<i>Stauracanthus genistoides</i>	Tojo manso
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim
	<i>Lavandula stoechas</i>	Rosmaninho
	<i>Lavandula pedunculata</i>	Rosmaninho-maior
Protaceae	<i>Hakea sericea</i>	Espinheiro-bravo
Rosaceae	<i>Crataegus monogyna</i>	Pilriteiro

Fabaceae



Carqueja

Esta espécie vulgarmente conhecida por Carqueja ou Carquejeira (*Chamaespartium tridentatum* (L.) P. Gibbs) é uma planta pertencente à família *Fabaceae* que nasce, espontaneamente, nas regiões do Norte e Centro do País (SILVA, 2007), em localidades montanhosas, terrenos agrícolas abandonados, florestas constituídas por pinheiros bravos (*Pinus Pinaster*), eucaliptos (*Eucalyptus*), medronheiros (*Arbutus unedo*), desenvolvendo-se num clima temperado a frio e em solos ácidos e siliciosos.

É um arbusto de pequeno porte, de folhas persistente (muito pequenas, por vezes inexistentes), que pode adquirir dimensões até cerca de 1m num desenvolvimento ereto ou prostrado, constituído por numerosos ramos alternados, caules coriáceos e por flores agrupadas entre 2-10 em pequenos fascículos axilares, de corola amarela, cujas flores amarelas florescem de Março a Julho. O seu fruto é do tipo vagem, oblongo-linear e pode assumir um comprimento até 1,4 cm, cujas sementes possuem um arilo branco.

Curiosidades:

A carqueja era, antigamente, muito utilizada para o manejo agro-silvo-pastoril na preparação das camas do gado nos currais e na alimentação do gado, sendo, nos dias de hoje, mais direccionada para o uso medicinal e culinário.

Nome Científico	<i>Chamaespartium tridentatum</i> (L.) P. Gibbs	 
Origem do Nome	Carl von Linné e James P. Gibbs	
Nome Vulgar	Carqueja, Carquejeira	
Género	<i>Chamaespartium</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Família	<i>Fabaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	No Norte de Marrocos e Península Ibérica, nas zonas Norte e Centro	
Sinonímias	<i>Genista tridentata</i> L.	
Habitat / Ecologia	Terrenos incultos e zonas montanhosas	
Época de Floração	Março a Julho	
Cor da Flor	Amarela	

Fonte das imagens: www.floraiberica.es e www.flora-on.pt

Fabaceae



Giesteira branca

A Giesteira branca (*Cytisus multiflorus*) pertencente ao género *Cytisus* é frequente encontrá-la nas regiões do Interior, Norte e Centro no nosso país, principalmente, em terrenos incultos, bermas de caminho, matagais e em áreas dominadas por outras giestas, havendo por parte desta espécie, uma preferência, pelos solos ácidos e pobres derivados de granitos e quartzitos, menos frequente em xisto.

É um arbusto caducifólio, de pequeno porte, até cerca de 2m, ereto, é constituído por “ramos do ano verde-acinzentados, longos, roliços e estriados, com 7 ou mais costas em forma de “T” (em corte transversal)” (SILVA, 2007). As suas folhas estipuladas, do tipo unifolioladas ou trifolioladas, com folíolos acetinados ou aveludados por ambas as faces, ambos pubescentes.

Na época de floração, entre Abril e Junho, a Giesta branca apresenta uma corola branca que pode adquirir uma dimensão até 12mm, constituída por flores solitárias ou agrupadas (2-3). O seu fruto (até 31 x 6,5mm) é de tonalidade acastanhado, ligeiramente alongado constituído por 1 a 7 sementes.

Curiosidades:

Antigamente, era utilizada na confeção de vassouras artesanais.

Nome Científico	<i>Cytisus multiflorus</i> (L'Hér.) Sweet	 
Origem do Nome	Charles Louis L' Héritier de Brutelle e Robert Sweet	
Nome Vulgar	Giesta branca, Giesteira branca	
Género	<i>Cytisus</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Família	<i>Fabaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	Península Ibérica, Oeste da Europa, Norte da Austrália e América	
Sinonímias	<i>Cytisus albus</i> (Lam.)	
Habitat / Ecologia	Matos e áreas rupícolas	
Época de Floração	Abril a Junho	
Cor da Flor	Branca	

Fonte das imagens: www.floraiberica.es e www.flora-on.pt

Fabaceae



Giesteira negral

Também do género, *Cytisus* e da família *Fabaceae*, a Giesteira negral (*Cytisus striatus* (Hill) Rothm.) pode ser observada nas regiões Norte e Centro, nomeadamente, nas áreas do Interior e Noroeste de Portugal, em zonas expostas ao sol e em terrenos abandonados pela agricultura.

Este arbusto caducifólio pode crescer até 3 m, de “ramos do ano verde-acinzentados, longos, roliços e estriados” (SILVA, 2007), densamente acetinados quando jovens, passando para glabras. As folhas são estipuladas, pecioladas e pubescentes em ambas as faces, sendo na face superior unifolioladas, solitárias e lanceoladas, enquanto na face inferior são trifolioladas, solitárias ou agrupadas, de comprimento até cerca 13 x 6mm.

A época de floração decorre entre Abril e Junho onde é evidenciada uma corola amarela cujas flores de cálice bilabiado aparecem com um bordo ligeiramente curvo, formando na extremidade um bico e no setor inferior um bordo anguloso. O seu fruto, de forma trapezoidal encontra-se escondido devido à densidade de pêlos (até 4,5mm de comp.) aí existente.

Curiosidades:

Utilizada para restaurar a fertilidade dos solos cultivados com cereais, em conjunto com a Giesta branca, antes de terem sido introduzidos os adubos azotados.

Nome Científico	<i>Cytisus striatus</i> (Hill) Rothm.
Origem do Nome	John Hill e Hugo Paul Rothmaler
Nome Vulgar	Giesta-amarela, Giesteira-das-serras
Género	<i>Cytisus</i>
Reino	<i>Plantae</i>
Família	<i>Fabaceae</i>
Classe	<i>Magnoliopsida</i>
Divisão	<i>Magnoliophyta</i>
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito
Distribuição Geral	No Noroeste de Marrocos e na região Oeste da Península Ibérica
Sinonímias	<i>Spartium patens</i> L.
Habitat / Ecologia	Campos abandonados, rupícola, matos
Época de Floração	Abril a Julho
Cor da Flor	Amarela



Fonte das imagens: www.floraiberica.es e www.flora-on.pt

Fabaceae



Giesteira-das-sebes

A Giesteira-das-sebes (*Cytisus grandiflorus* (Brot.) DC.) também ela pertencente a família *Fabaceae* e ao género *Cytisus*, domina nas orlas de bosques, sebes, matos e em solos deixados ao abandono. No território português, é visível nas regiões Norte, Centro e Interior.

É um arbusto caducifólio, alto (até 3m de altura) formado por ramos longos e verdes com 5 arestas agudas em figura de “V” invertido, apresentando-se acetinados quando jovens, passando gradualmente a glabros.

As suas folhas são na sua grande maioria unifolioladas e sem pecícolo, completamente, glabras quando adultas, estando mais separadas umas das outras em ramos longos, do que em ramos pequenos que são encavalitadas em grupo de 3-5 (braquiblastos).

A floração ocorre entre Março e Julho, dando flores amarelas, de cálice bilabiado. Quanto ao seu fruto, este é negro e aplanado com faces ocupadas por pêlos compridos ou acetinados, medindo este fruto cerca de 45 x 10mm.

Curiosidade:

É utilizada como elemento ornamental, mas também, como separador viário e revestimento de taludes. Usa-se também para estacas.

Nome Científico	<i>Cytisus grandiflorus</i> (Brot.) DC.
Origem do Nome	Félix de Avelar Brotero e Augustin Pyrame de Candolle
Nome Vulgar	Giesteira-das-Sebes
Género	<i>Cytisus</i>
Reino	<i>Plantae</i>
Família	<i>Fabaceae</i>
Classe	<i>Magnoliopsida</i>
Divisão	<i>Spermatophyta</i>
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito
Distribuição Geral	Nas regiões Oestes e Sul da Península Ibérica e no Noroeste de Marrocos
Sinonímias	<i>Cystisus lusitanicus</i> (Miller) Maire
Habitat / Ecologia	Matagais e área de matos
Época de Floração	Maio a Julho
Cor da Flor	Amarela



Fonte das imagens: www.florestar.net e www.flora-on.pt

Fabaceae



Piorno-dos-tintureiros

O Piorno-dos-tintureiros (*Genista florida* L.) ou a giesta-pioneira é uma espécie que pertence à família *Fabaceae* e ao género *Genista* que, habitualmente, é observada no nosso país nas regiões Nordeste, mais precisamente, na Beira Alta, Beira Baixa, Douro Litoral, Minho e Trás-os-Montes, em orlas de bosques, afloramentos rochosos e matagais mesófilos, sob clima temperado.

É um arbusto que se desenvolve em forma ereta e que pode ultrapassar 2m de altura, muito ramificado desde a base e cujos ramos se apresentam finos e sem espinhos. As folhas são unifolioladas e estipuladas, alternas, com folíolo seríceo (ligeiramente alongado) e pecíolo curto.

De Maio a Julho dá-se a inflorescência do Piorno-dos-tintureiros que é visível pelas suas flores em cachos terminais, amarelas, que se reúnem num cálice e numa corola serícea, na qual estão inseridas 3-7 flores ou, por vezes, 30 flores. O seu fruto é do tipo vagem, de aspeto seríceo, linear-oblongo a fusiforme (forma de fuso) e que contém, no seu interior, 2 a 6 sementes.

Curiosidades:

Esta é utilizada para a compostagem de estrumes e preparação das camas dos animais, tal como acontece com as giestas do género *Cytisus*.

Nome Científico	<i>Genista florida</i> L.	 
Origem do Nome	Carl von Linné	
Nome Vulgar	Piorno-dos-tintureiros, Giesta-pioneira	
Género	<i>Genista</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Família	<i>Fabaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	Marrocos, Península Ibérica, no nosso país nas zonas Norte e Centro	
Sinonímias	<i>Genista polygalaephylla</i> Brot.	
Habitat / Ecologia	Orlas de bosques, sebes e matagais	
Época de Floração	Maio a Julho	
Cor da Flor	Amarela	

Fonte das imagens: www.jb.utad.pt e www.flora-on.pt

Fabaceae



Tojo Gadanho

Pertencente também ao género *Genista*, o Tojo-gadanho (*Genista falcata* L.) é um arbusto que está bem evidenciado nas regiões situadas a poente e centro da Península Ibérica, em habitats sob clima mediterrânico chuvoso, bosques jovens ou pouco densos e em áreas de matos próximas das orlas florestais.

Este arbusto ereto, de pequeno porte, que raramente excede 2m de altura, é constituído por ramos alternos, vilosos, com espinhos e que podem ser simples ou ramificados, encontrando-se inseridos na axila das respetivas folhas.

Estas são unifolioladas, de aspeto linear-lanceoladas a ovadas, alternas, ligeiramente ciliadas na margem e na nervura média, ao nível da face inferior.

Na época de floração, que abrange os meses de Março a Julho, brotam esplêndidas flores amarelas (cerca de 1-4) em cachos terminares, cujo cálice apresente na base 2 bractéolas e sua corola glabra e caduca, pode ir até os 10mm.

O seu fruto é do tipo vagem, negra e de formato cilíndrico, ligeiramente encurvada no ápice, apresentando cílios (pêlos finos), quer na nervura média, quer na estrutura carpelar, podendo conter no seu interior até 15 sementes.

Curiosidades:

Esta espécie é usada para alimentar o gado, nomeadamente, as suas flores, para preparação das camas dos animais e como combustível para lareiras e fornos.

Nome Científico	<i>Genista falcata</i> Brot.	 
Origem do Nome	Félix de Avelar Brotero	
Nome Vulgar	Tojo gadanho	
Género	<i>Genista</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Família	<i>Fabaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	Na parte Ocidental e região Centro da Península Ibérica	
Sinonímias	Não encontrado	
Habitat / Ecologia	Em bosques jovens e matos	
Época de Floração	Março a Julho	
Cor da Flor	Amarela	

Fonte das imagens: www.floraiberica.es e www.flora-on.pt

Fabaceae



Tojo molar

O Tojo molar (*Genista triacanthos* Brot.) ou Tojo-gadanh-menor é um arbusto que se desenvolve em quase todas as regiões de Portugal, a exceção de Trás-os-Montes, sendo frequente encontra-lo em áreas de bosques densos constituídos por azinheiras e sobreiros, e em zonas de baixa altitude, sob um clima temperado ou mediterrâneo, mais ou menos chuvoso.

Este arbusto, ereto ou ascendente, pode adquirir uma altura de 2m e é formado por ramos lenhosos, geralmente glabros, de ramificação difusa com espinhos, simples ou tripartidos, inseridos na axila das folhas.

As folhas não contêm estípulas, são alternas, com pecíolo curto, na sua maioria compostas por 3 a 5 folíolos, ligeiramente oblongos ou lanceolados.

De Março a Junho, as flores brotam em cachos terminais multifloros, numa corola amarela (até 8mm), cujo eixo termina com um caule vegetativo (sem flores), do tipo espinho.

O seu fruto é uma vagem comprimida, com aspeto fusiforme ou romboidal, um pouco atenuada na ponta, contendo no seu interior uma semente aplanada (raramente duas sementes).

Curiosidades:

Apesar do aspeto do Tojo-gadanh-menor ser semelhante ao da espécie *Genista triacanthos* Brot., o seu fruto é diferente, o que permite distingui-los.

Nome Científico	<i>Genista triacanthos</i> Brot.	 
Origem do Nome	Félix de Avelar Brotero	
Nome Vulgar	Tojo molar, Tojo-gadanh-menor	
Género	<i>Genista</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Família	<i>Fabaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	No setor Noroeste de Marrocos e na Península Ibérica	
Sinonímias	<i>Genista scorpioides</i> Spach.	
Habitat / Ecologia	Terrenos incultos, Matagais	
Época de Floração	Março a Junho	
Cor da Flor	Amarela	

Fonte das imagens: www.floraiberica.es e www.flora-on-pt

Fabaceae



Tojo amarelo

O Tojo amarelo (*Ulex parviflorus* Pourr.) é um arbusto que, em Portugal, pode ser encontrado, com mais frequência, nas regiões do Alentejo e da Estremadura, principalmente, em áreas de matos, sebes e pinhais.

Este arbusto cresce até 2m de altura, desenvolvendo-se de forma ereta, numa densa e serrada ramificação, cujos ramos são todos eles semelhantes, com grandes caules floríferos que apresentam, em função do local onde se desenvolvem, uma tonalidade verde-esbranquiçado ou verde-amarelado, vilosos, com pêlos e espinhos primários e secundário.

As folhas são pequenas (reduzidas ao pecíolo, até 4mm), rígidas, de formato triangular-lanceoladas a linear-lanceoladas, cuja extremidade assume o aspeto de um espinho.

A época de floração ocorre entre Fevereiro a Agosto. A inflorescência é manifestada pela coloração amarela-dourada das suas flores hermafroditas, simples, do cálice bilabiado.

O fruto é uma vagem, oval-oblongo, pubescente que contém no interior 1 a 2 sementes.

Curiosidades:

É muito utilizado na recuperação dos solos e como elemento atenuante da erosão em locais de muita inclinação e exposição ao sol.

Nome Científico	<i>Ulex parviflorus</i> Pourr.	 
Origem do Nome	Pierre André Pourret	
Nome Vulgar	Tojo amarelo, Junco-da-provença	
Género	<i>Ulex</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Família	<i>Plantae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	A Este e Sul de Espanha, Alentejo e Estremadura, França, Norte de África	
Sinonímias	<i>Ulex aircensis</i> M.D. Espírito-Santo & al.	
Habitat / Ecologia	Pinhais, matos e sebes	
Época de Floração	Fevereiro a Junho	
Cor da Flor	Amarela-dourada	

Fonte das imagens: www.ruhr-uni-bochum.de e www.flores-aragon.com

Fabaceae



Tojo arnal

O Tojo-arnal (*Ulex europaeus* L.), também pertencente ao género *Ulex* e é um arbusto que, em Portugal, se encontra distribuído no Litoral ou próximo do Litoral, principalmente, em terrenos incultos e zonas de matos, partilhando o seu espaço com outras comunidades, como urzais, tojais e orlas espinhosas.

Este arbusto, de grande porte, tende a crescer até 2,5m, de modo ereto ou rasteiro, na qual domina por vezes uma ramificação aberta ou compacta, cujos ramos mais jovens apresentam um indumento duplo, formado por pêlos compridos e pêlos curtos, além de espinhos.

As suas folhas são de pequena dimensão (normalmente, reduzidas a filódios com 5-12mm), de formato lanceolado-lineares a triangulares, pubescentes, rígidos e espinhosos.

A flor possui uma corola maior que o cálice, de cor amarela, florescendo entre Fevereiro a Junho, e é formada por umas bractéolas mais largas, ovadas e vilosas.

O fruto é uma vagem vilosa, de formato ovado-oblongo a ovado que contém 2 a 8 sementes.

Curiosidades:

Utilizado pelas populações dos meios rurais como fertilizante, camas de gado e para combustão, além, de ser usado para fins medicinais.

Nome Científico	<i>Ulex europaeus</i> L.	 
Origem do Nome	Carl von Linné	
Nome Vulgar	Tojo arnal, Tojo bravo, Pica-rato	
Género	<i>Ulex</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Familia	<i>Fabaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	Oeste e Sudoeste da Europa. Nas regiões Norte e Litoral de Portugal	
Sinonímias	<i>Ulex floridus</i> Salisb.	
Habitat / Ecologia	Terrenos incultos, matos e matagais	
Época de Floração	Fevereiro a Junho	
Cor da Flor	Amarela	

Fonte das imagens: www.floraiberica.es e www.flora-on.pt

Fabaceae



Tojo manso

O *Stauracanthus genistoides* (Brot.) Samp., é uma espécie endémica que se desenvolve, nomeadamente, a Sudoeste da Península Ibérica, em lugares próximos da costa, muito frequente em solos arenosos, em depósitos detríticos (arenitos e conglomerados) de origem fluvial, e em pinhais e sobreirais abertos, até 800m de altitude.

Este arbusto com cerca de 0,5-2m de altura é constituído por ramos opostos e alternos, que se apresentam seríceos e com pêlos quando jovens, com tendência a glabrescentes à medida que se desenvolve. As folhas verdes, são pequenas (<1mm), escamiformes e triangulares.

As flores são de cor amarela, florescendo entre Março e Junho, a partir de um cálice tubuloso na base, bilabiado, seríceo constituído por duas bractéolas pequenas, ligeiramente arredondadas a linear-lanceoladas.

O fruto é do tipo vagem que pode conter 2 a 6 sementes negras, ovadas, lisas e brilhantes.

Curiosidades:

O Tojo Manso é, habitualmente, utilizado para preparação da cama do gado e como combustível.

Nome Científico	<i>Stauracanthus genistoides</i> (Brot.) Samp.	 
Origem do Nome	Félix deAvelar Brotero e GonçaloA. da Silva F. Sampaio	
Nome Vulgar	Tojo manso, Tojo bonito, tojo chamusco	
Género	<i>Stauracanthus</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Familia	<i>Fabaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	Nas regiões Oestes e Sudoeste da Península Ibérica	
Sinonímias	<i>Genista lusitanica</i> L.	
Habitat / Ecologia	Terrenos incultos, depósitos aluviais	
Época de Floração	Março a Junho	
Cor da Flor	Amarela	

Fonte das imagens: www.floravascular.com e www.fora-on.pt

Lamiaceae



Alecrim

O *Rosmarinus officinalis* L. (Alecrim) é um arbusto pertencente à família *Lamiaceae* e ao género *Rosmarinus* que pode ser observado em toda a região do Mediterrâneo, nomeadamente, até aos 1500m de altitude, em matos termófilos, sendo frequentes em solos de origem calcária, colinas rochosas e em bosques abertos.

Pode crescer até 2m de altura, é aromático e muito ramificado, sendo composto por caules quadrangulares.

As folhas são persistentes, lineares a linear-lanceoladas, com 2 a 3 cm de comprimento, verde-escuras na face superior, e branco-tomentosas na face inferior, opostas duas a duas, havendo tendência para que as margens se enrolem para cima.

A floração ocorre entre Janeiro a Maio, podendo contudo ser vista durante todo o ano, sendo evidenciada pelas suas flores bilabiadas, de uma coloração lilás-pálido, que se encontram agrupadas em pequenos cachos na região da axila das folhas.

Curiosidades:

O seu aroma característico levou aos romanos a chamar-lhe *rosmarinus* que significa em latim orvalho do mar. Este é utilizado para fins culinários, medicinais, religiosos e em perfumaria.

Nome Científico	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	 
Origem do Nome	Carl von Linné	
Nome Vulgar	Alecrim, Alecrim-da-terra	
Género	<i>Rosmarinus</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Família	<i>Lamiaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	Em Portugal distribui-se pela zona do Sul, Centro e Interior do Vale do Douro	
Sinonímias	<i>Rosmarinus latifolius</i> Mill.	
Habitat / Ecologia	Matagais, terrenos incultos	
Época de Floração	Janeiro a Maio	
Cor da Flor	Violetas ou brancas	

Fonte das imagens: www.florestar.net e www.flora-on.pt

Lamiaceae



Rosmaninho

O Rosmaninho (*Lavandula stoechas* L.), também, apelidado de Alfazema, é um arbusto comum na região do Mediterrâneo, sendo frequente em solos siliciosos, matagais e em zonas pedregosas e áridas, bem como em matos e bosques. No nosso país, abrange grandes extensões de incultos, nomeadamente, nas regiões do Sul, Oeste e Interior português.

É uma espécie muito ramificada, de pequeno porte (30 a 80cm de altura), de cor acinzentada e de aroma característico a lavanda, sendo formada por folhas persistentes, macias, de formato linear a lanceolado e que, em regra, se inserem opostas, duas a duas, em caules quadrangulares.

A sua inflorescência é visível entre Abril e Junho, sendo composta por 8 a 16 verticilastos, com 6-14 flores bilabiadas, de coloração encarnado-escuro-violácea que se encontram agrupadas em densas espigas terminais, violetas, geralmente pequenas (2 a 8cm), que terminam com várias brácteas grandes, de cor púrpura.

Curiosidades:

O Rosmaninho é, muitas vezes, apelidado de Alecrim, porém, estas são duas espécies completamente distintas, dada a sua forma, coloração, inserção da flor e no seu raro uso culinário.

Nome Científico	<i>Lavandula stoechas</i> L.	 
Origem do Nome	Carl von Linné	
Nome Vulgar	Rosmaninho, Alfazema	
Género	<i>Lavandula</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Família	<i>Lamiaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	Região Mediterrânica. Em Portugal domina nas regiões Centro e Sul	
Sinonímias	Não encontrada	
Habitat / Ecologia	Terrenos incultos e áreas de matagais	
Época de Floração	Abril a Junho	
Cor da Flor	Azul-lilás	

Fonte das imagens: www.floraiberica.es e www.flora-on.pt

Lamiaceae



Rosmaninho-maior

Do mesmo género do que a anterior, o Rosmaninho-maior (*Lavandula pedunculata* (Mill.) Cav.) também se distribui pela região Mediterrânea, sendo observado em todo o território português, principalmente em solos ácidos e pobres em nutrientes, ou em solos arenosos, e, também, em terrenos agrícolas abandonados recentemente. Tem a particularidade de ser tolerante à seca e aos ventos fortes e, ainda, de resistir a temperaturas negativas (-5°C).

Este arbusto aromático, perenifólio, cresce até 1,5m e é, geralmente, coberto de tomento (pêlos abundantes que se encontram entrelaçados e que fazem lembrar o algodão). A extremidade dos ramos férteis apresenta-se linear a linear-oblonga, de coloração acinzentada cujas folhas são também elas, tomentosas e inteiras.

De Fevereiro a Julho, dá-se a floração, que é caracterizada por flores agrupadas numa densa espiga, de formato ovóide, da qual saem brácteas terminais estéreis, violetas ou púrpuras, assentando esta num longo pedúnculo.

Curiosidades:

Das suas flores é extraído um óleo essencial que é usado na área da perfumaria e da medicina. As suas folhas podem ser usadas como repelentes de insetos dos tecidos.

Nome Científico	<i>Lavandula pedunculata</i> (Mill) Cav	 
Origem do Nome	Philip Miller e António José Cavanilles	
Nome Vulgar	Rosmaninho-maior, Rosmano	
Género	<i>Lavandula</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Família	<i>Lamiaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Spermatophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito	
Distribuição Geral	Região Mediterrânica. Em Portugal domina nas regiões Centro e Sul	
Sinonímias	<i>L. pedunculata</i> subsp. <i>sampaiana</i>	
Habitat / Ecologia	Solos pobres e de substrato ácido	
Época de Floração	Fevereiro a Julho	
Cor da Flor	Violetas	

Fonte das imagens: www.floraiberica.es e www.flora-on.pt

Proteaceae



Espinheiro-bravo

Pertencente à família *Proteaceae*, a Háquea-espinhosa é considerada uma espécie invasora, que foi introduzida no nosso país como arbusto ornamental, e desde então tem-se espalhado rapidamente pelo nosso país, principalmente, no Minho, Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo, Baixo Alentejo e Algarve, instalando-se em áreas perturbadas, sendo resistente ao vento e à secura.

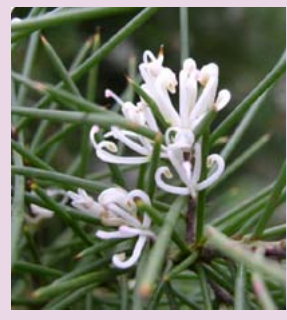
Este arbusto pode atingir 5m de altura, é composto por folhas persistentes, aciculares (1mm de diâmetro), com 4-7cm de comprimento, de tonalidade verde-escura a verde-acinzentado, que se apresentam extremamente afiadas.

Entre Janeiro a Abril ocorre a fase de floração, em que brotam flores, em forma de umbela, entre 1 a 7 flores, de tonalidade perianto branco a rosado-pálido.

O fruto é acastanhado, de dimensão 3-4cm, ovóide e rugoso, possui crista e bico, podendo conter entre 6 a 8 sementes no seu interior.

Curiosidades:

Este arbusto espinhoso originário da Austrália tem invadido as florestas autóctones de Portugal, África do Sul e Nova Zelândia.

Nome Científico	<i>Hakea sericea</i> Schrad.	 
Origem do Nome	Heinrich Adolf Schrader	
Nome Vulgar	Espinheiro-bravo, háquea-picante	
Género	<i>Hakea</i>	
Reino	<i>Plantae</i>	
Família	<i>Proteaceae</i>	
Classe	<i>Magnoliopsida</i>	
Divisão	<i>Magnoliophyta</i>	
Tipo Fisionómico	Microfanerófito	
Distribuição Geral	Em Portugal, Nova Zelândia e África do Sul	
Sinonímias	<i>Hakea tenuifolia</i> (Salisb.) Domin.	
Habitat / Ecologia	Terrenos incultos e zonas de matos	
Época de Floração	Janeiro a Abril	
Cor da Flor	Branco ou Rosado-pálido	

Fonte das imagens: <http://www1.ci.uc.pt/invasoras/files/31haquea-picante.pdf>; www.jardinexotiqueroscoff.com; www.westgatepark.org

Rosaceae



Pilriteiro

Pertencente também à família *Rosaceae*, o *Crataegus monogyna* Jacq. é ainda conhecido por espinheiro-alvar. É caducifólio e pode chegar a 10m de altura, de copa arredondada, embora seja mais frequente encontrar indivíduos com 4m de altura.

O Pilriteiro distribui-se em quase todo o território português, indiferente ao pH dos solos, necessita contudo de humidade no solo.

Os ramos desta espécie são munidos de espinhos e são significativamente afiados, estando dispostos nas axilas das folhas.

As folhas são de dimensão que varia entre 4 e 5 cm, simples, alternadas, em forma oval, sendo verde-escuras na face superior e mais claras na face inferior.

Ao brotar, a partir do mês de Março, as suas flores são de cor branco-rosadas, agrupadas em 10-20 corimbos, numa corola com diâmetro de 7 a 15 mm.

O fruto, os pilritos, são de forma ovóide e começam a amadurecer a partir de Agosto, passando da cor vermelha para vermelha-acastanhada, contendo no seu interior sementes duras (1 a 5).

Curiosidades:

Os ramos são frequentemente utilizados como porta-enxerto de pereira, enquanto as suas flores são de uso medicinal.

Nome Científico	<i>Crataegus monogyna</i> Jacq.
Origem do Nome	Nikolaus Joseph von Jacquin
Nome Vulgar	Branca-espinha, Espinheiro-alvar
Género	<i>Crataegus</i>
Reino	<i>Plantae</i>
Família	<i>Rosaceae</i>
Classe	<i>Magnoliopsida</i>
Divisão	<i>Magnoliophyta</i>
Tipo Fisionómico	Microfanerófito
Distribuição Geral	Norte de África e Ásia, significativa em Portugal e em quase toda a Europa
Sinonímias	<i>Crataegus oxyacantha</i> auct.
Habitat / Ecologia	Proximidade de linhas de água, matas
Época de Floração	Fevereiro a Abril
Cor da Flor	Branças róseas



Fonte das imagens: www.florestar-net e www.flora-on.pt

Bibliografia

ALMEIDA, António Campar (2009) - *Mudanças no uso do solo no interior Centro e Norte de Portugal*, Ed. Imprensa da Universidade, Coimbra, 99 p.

BACALHAU, Mário (coord) (1999) - *Sem Floresta não há vida – prevenção, Segurança e Combate aos Incêndios nas Florestas, nas instalações e nos Equipamento Rurais*, MR 2000 - Associação para a Promoção da Qualidade de Vida no Meio Rural, Lisboa, 124 p.

BARRETO, Luís (1988) – *A Floresta. Estrutura e Funcionamento*, Coleção Natureza e Paisagem, Serviços Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa, 62 p.

COSTA, J. C., AGUIAR, C., CAPELO, J. H., LOUSÃ, M., NETO, C (1998) - “Biogeografia de Portugal Continental”, *Quercetea*, Vol. 0, Lisboa, p.5 -56.

LOURENÇO, Luciano (2009) – “Plenas manifestações do risco incêndio florestal em Serras do Centro de Portugal. Efeitos erosivos subsequentes e reabilitações pontuais”. *Territorium*, 16, Coimbra, pp. 5-12.

MOREIRA, Joaquim Marques (2008) - *Árvores e Arbustos de Portugal*, Ed. Argumentum, Lisboa, 319 p.

PALMELA, Forey (1996) - *Árvores, Pequenos guias da natureza*, Plátano Edições técnicas, Lisboa, 129 p.

PALMELA, Forey e FITZSIMONS, Cecilia (1997) - *Flora e Fauna mediterrânicas*, coleção pequenos guias da natureza, Plátano Edições técnicas, Lisboa, 125 p.

SILVA, Joaquim Sande (2007) - *Guia de campo: as árvores e os arbustos de Portugal Continental*, Público, Comunicação Social e Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa, 462 p.

Sítiografia

- Associação Lusitana de Fitossociologia
www.uma.pt/alfa
- Flora de Portugal interativa
www.flora-on.pt
- Flora Ibérica – plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares
www.floraiberica.org
- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
www.icnf.pt
- Florestar-net de Rúben Vilas Boas
www.florestar-net



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/manjux/3998067385/in/photostream/>

Click



Click